

O TRABALHO DO SOL

Apolonius Luciferus
campani@ufpel.edu.br

Um dos problemas mais intrigantes da teologia é a existência de uma pluralidade, emergida da unicidade. Caso contrário, teríamos que aceitar o absurdo "creatio ex nihil" da teologia latina. Como pode o Uno manifestar-se de forma plural?

Quando nos referimos à expressão "pluralidade", estamos nos referindo às múltiplas manifestações fenomenológicas, às coisas do mundo, e aos seus elementos constitutivos.

Sempre desempenharam papel importante nas religiões de mistério e no hermetismo, assim como na filosofia grega (Jonica), os quatro elementos dos antigos: fogo, água, ar e terra.

Na cosmologia de Menfis, no antigo Egito, o fundamento da criação eram as águas primordiais, de onde emergia uma montanha (a terra saindo das águas), que era atingida pelos raios do sol (o fogo), que separava ambos os elementos, água e terra, estabelecendo entre eles o ar.

Semelhança óbvia com o início do Gênesis, onde também aparecem os quatro elementos: "No princípio, criou Deus os céus e a terra [terra] ... e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas [água]. Disse Deus: haja luz, e houve luz [fogo] ... E disse Deus: haja firmamento no meio das águas [ar] ...".

No antigo Egito, o mais importante destes elementos era o fogo (o Sol), pois era o mais sutil deles, e a ele foram devotados os maiores monumentos do Egito (pirâmide provém de pyr, fogo). Os quatro elementos eram postos nos quatro cantos dos templos e altares, sendo considerados os "filhos de Horus" (ar no leste, fogo no sul, água no oeste e terra no norte).

Sendo a terra o mais grosseiro destes elementos, era associado aos aspectos mais grosseiros do mundo. Isto explica a referência bíblica ao fato que "o mal vem do norte".

São referenciados estes quatro elementos na visão de Ezequiel (a Merkabah) como sendo seres vivos com aparência de leão, touro, águia e homem - visão que se repete no Apocalipse de São João. São as mesmas quatro aparências do deus Amon do antigo Egito, que poderia aparecer como leão, bezerro, serpente (correspondendo à águia) e rei coroado. São a síntese da esfinge, que tem pés de boi, corpo de leão, asas de águia e cabeça humana.

Podemos associar estes quatro elementos com as quatro letras do sagrado e impronunciável nome de Deus dos judeus, IHVH, assim como aos quatro mundos da Kabbalah:

- 1) Fogo - I - Atziluth - o Pai;
- 2) Água - H - Briah - a Mãe;
- 3) Ar - V - Ietsirah - o Filho;
- 4) Terra - H - Assiah - a Noiva.

A Igreja latina associou estes quatro elementos dos antigos aos quatro evangelistas:

- 1) Lucas - o anjo do ar - signo de aquarius;

- 2) Marcos - o leão de fogo - signo de leão;
- 3) João - a águia da água - signo de escorpião;
- 4) Mateus - o boi da terra - signo de touro.

Formam estes quatro signos uma cruz no círculo zodiacal, saltando-se os signos de três em três.

A alquimia usa estes elementos como metáforas para condições de consciência que devem ser atravessadas no processo espiritual-alquímico. A Tábua Esmeralda sugere que o trabalho alquímico (o trabalho do sol - Magnus Opus) seja uma purificação destes quatro elementos, pela descida do fogo, o mais sutil, até a terra, o mais grosseiro, e o retorno para cima.

O Sol e a Lua são as duas faces do eclipse da consciência do iniciado. Antes da iniciação a Lua oculta o Sol devido à Terra. A Lua e o Sol da alquimia representam, no céu, as tinturas branca e vermelha dos alquimistas. A primeira é produto do "trabalho negro" (putrefação), em que os elementos negativos da psique humana são expostos e queimados. Num segundo momento é necessário elaborar a tintura branca que representa um estado de consciência mais avançado.

Associamos a tintura branca à saúde e beleza (iluminação), no entanto este não é um estado de consciência permanente.

Para isto, é necessário que se produza a tintura vermelha, a pedra filosofal, que representa vida, criatividade e sabedoria (deificação).

Esta tintura vermelha representa o surgimento de um quinto elemento (a quinta essência), que na Kabbalah cristã é representada pela letra Shin. Somando-se ao nome de Deus a letra Shin, obtemos IHShVH, Ieshua, o nome do Messias - a quinta ponta do pentagrama superior - a unicidade acima da pluralidade.

Assim, a realização do trabalho do sol, representa a percepção espiritual da ilusão da pluralidade, que esconde a fundamental unicidade que dorme no seio do Todo Supremo.